

DOMINGO

SEMANARIO NOTICIOSO, LITTERARIO E AGRICOLA



Assignatura

Anno, 15000 reis; semestre, 5000 reis. Pagamento adiantado. Para o Brazil, anno, 25000 reis (moeda forte). Avulso, no dia da publicação, 20 reis.

REDACTOR E DIRECTOR—José Augusto Saloio

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA

(Composição e impressão)

132, 2.º — RUA DIREITA — 132, 2.º
ALDEGALLEGA

Publicações

Annuncios—1.ª publicação, 40 reis a linha, nas seguintes, 20 reis. Annuncios na 4.ª pagina, contracto especial. Os autographos não se restituem quer sejam ou não publicados.

PROPRIETARIO—José Augusto Saloio

Cada coisa no seu lugar

111

Estamos no dia 6 de janeiro. Como se a natureza quizesse associar-se á emancipação d'um povo, o céu estava limpo e o sol brilhava em todo o seu esplendor, sem uma unica mancha. Dia quente, como se fosse de primavera, rivalizando com o santo calor que vivificava as almas e os corações do povo até então desprezado pelos caciques, e que lhes fazia girar o sangue com mais vida n'esse anseio de liberdade e de dignidade propria.

Desde manhã cedo que se notava na villa um movimento desusado. Mulheres, homens e crianças todos envergaram os seus melhores fatos onde se notavam de qualquer modo as côres republicanas. Os seus rostos abertos e francos em que transparecia uma intensa alegria, os seus olhos, nos quaes se apercebia um brilho extraordinario de animação, pareciam mostrar que n'esta pacata villa se ia dar alguma coisa de anormal que faria a sua felicidade. Não havia um pensamento de odio, não havia uma palavra de rancor. Simplesmente se notavam uns sorrisos de desdem e uns olhares de lástima para algumas casas, tres ou quatro, hermeticamente fechadas, como se fossem tumulos, cujos habitantes tinham emigrado como costumam fazer as corujas quando os donos vão occupar as casas por longo tempo deshabitadas. Esses emigrantes eram os exploradores do povo.

Crescia a animação á maneira que o sol se ia elevando no horisonte. A ponte chegavam dois vapores vistosamente embandeirados, fretados um pela classe artistica e o outro pelos trabalhadores dos campos. A multidão au-

gmentava de momento a momento já então engrossada por gente dos arredores e dos concelhos proximos que na mesma ancia de liberdade se vinham juntar ao povo de Aldegallega. Nos semblantes a mesma alegria, cada vez mais intensa, que nos fazia vêr aquelles rostos como que aureolados por uma luz divina, que não era da divindade apregoada pela reacção nos seus antros de trevas e ignorancia, mas da divindade pré-gada pelos apóstolos da idéa nova, da idéa grande, da idéa generosa que chama a Emancipação dos povos, e que tem a sua forma objectiva na Republica.

Os dois vapores enchem-se de gente animada de ruidosa alegria; largam-se os cabos, estralejam os foguetes e os dois barcos singram o Tejo, cujas aguas tão serenas nos parecem a superficie d'um espelho. Por entre as aclamações dos que partem e dos que ficam a caravana aprôa ao Montijo, emquanto lagrimas benditas de emoção correm velozes pelos rostos de todos. Infelizes d'aquelles que nunca sentiram a influencia d'uma idéa generosa!

Aonde ia aquella gente? aonde iam aquelles barcos? Era o egoismo que os impelia? Iam buscar algum beneficio material?

Não, felizmente. Iam esperar muito mais do que isso; iam esperar e ovacionar os apóstolos da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade; iam esperar os amigos do povo; iam aclamar em Antonio José d'Almeida, em José de Castro, em Ramos da Cruz, em Celestino d'Almeida, a Democracia Portuguesa; isto é, o bem, a justiça e os direitos do homem.

O que foi o encontro d'estas embarcações com o *Atalaya* já em tempo foi descripto. Todos se lembram ainda da grande manifestação feita áquelles illustres cidadãos, da imponencia do comicio e da

extraordinaria marcha até á proxima villa d'Alcochete.

Tudo isto está na memoria de todos, da qual já mais se apagará. Por agora só faremos notar que em todas as manifestações d'aquelle grande e glorioso dia o partido republicano manteve, como é sua norma, a mais correcta e digna attitude. Tão correcta e tão digna que mereceu os elogios insuspeitos da propria auctoridade administrativa d'este concelho.

Resta-nos agora mostrar quem abriu as hostilidades, e quem lançou a primeira provocação. E' o que faremos no proximo número com os competentes commentarios visto este artigo já ir longo.

UMA PAIXÃO FATAL

E' o titulo do novo romance que *O Domingo* vae brevemente publicar em folhetins que de certo agradará aos nossos leitores pelos seus lances bem preparados e profunda intensidade dramatica. E' a historia de um pobre tresloucado a quem uma mulher leva até ao ultimo grau de abjecção, endoidecido pelo amor que lhe consagra.

Este romance não desmerecerá, estamos certos, dos bons créditos dos outros que temos publicado. E' seu auctor René Maizeroy, um dos mais reputados escriptores francezes. Em breve começaremos a sua publicação.

Quereis artigos chics?!

Cassas, etamines, grenadines e muitos mais artigos vaporosos de alta novidade para a presente estação?

Ide á *Loja do Povo*, na Praça Agricola, e ahi podereis comprar em excellentes condições.

A comissão organisadora da tourada em beneficio da Escola dr. Celestino d'Almeida, vae agradecer, por officio, aos cavalheiros que por qualquer fórma a auxiliaram.

ECHO D'ALCOCHETE

Entre os visinhos povos de Alcochete e Aldegallega tem existido uma certa indiferença que de modo algum pôde ser tomada á conta de rivalidade se attendermos ao seu principal ponto de partida, pois ella tem a sua origem principalmente no atrazo litterario em que estas, como outras povoações congéneres, têm vejetado.

Gradualmente têm desaparecido essa má impressão e se outros factos que depõem a veracidade do que vamos dizendo não bastassem para attestar a razão que impera no nosso espirito, o convite ultimamente dirigido á nossa phylarmonica por uma comissão de cavalheiros d'Aldegallega seria o elemento necessario para provar que estas povoações se vão metamorphoseando e approximando, ainda que pouco sensivelmente, do seu terminus.

Mas vamos ao caso.

Uma comissão de cavalheiros de Aldegallega investida em sentimentos de altruismo e de verdadeira dedicação pelo paiz em que nasceu, deliberou promover uma corrida de touros em Aldegallega, em favor do cofre do «Centro Escolar Republicano Dr. Celestino d'Almeida», e, então, esse grupo de individuos, dignos da nossa admiração e que infelizmente não conhecemos, no cumprimento de deveres que chamou a si, foi insana em preparar tudo de molde a vêr coroado de melhor exito o seu intento.

E, d'este modo, convidou várias phylarmonicas, e, entre essas, dirigiu «Um convite honroso» á Phylarmonica d'Alcochete.

Esse convite, assente nas mais solidas bases de criterio e de amor patrio, foi dirigido por meio de officio e produziu uma tão notavel sensação de agrado n'alguns directores como de reprovação no espirito dos restantes, uns pobres

diabos dignos da maior compaixão.

E, afinal? Que culpa pôde ser attribuída aos phylarmonicos?

Absolutamente, nenhuma. Recebido o citado officio reuniu a direcção e, depois de várias explicações, levantou-se um conflicto sem maiores consequencias, além do pedido de demissão d'um dos directores que animado dos seus deveres cívicos, transigiu com a opinião dos restantes.

Collocada a questão n'este lugar, parecia terminada, mas tinha que ser discutida, e por isso, mais animoso, um socio provocou uma assembléa geral dirigindo um officio á direcção da «Sociedade Imparcial.»

Realisada a reunião, resta dizer o que se passou n'essa assembléa.

Estava annunciada a sua reunião para as 9 horas da noite mas só começou a produzir os seus effeitos depois das 10.

Torna-se necessario explicar, agora, que, na vespera d'esta reunião, estive-mos conversando com alguns directores, ácerca do facto e apesar de conhecermos uma má vontade da parte d'estes, attendendo ao acto meritorio que a nossa phylarmonica alli ia praticar, ficámos convencidos de que o seu curso, n'aquella festa de beneficencia, seria uma realidade, demovida uma difficuldade.—A falta d'alguns executantes.

Mas antes disto foram apresentadas tantas difficuldades pela direcção que vamos passar a descrever algumas.

Que a phylarmonica não podia abrilhantar aquella festa sem uma remuneração.

Idiotas! Que esta corporação ia ser mal recebida em Aldegallega, (esta é do sr. Rozendo Sampaio d'Oliveira, um dos directores, oriundo de Aldegallega).

Bello elogio aos seus pa-

tricios!!

Que os phylarmonicos não tinham fardamentos, etc., etc.

Emfim, apesar de tudo, já tinhamos feito o nosso juizo mas não suppunhamos o que se daria na assembléa, pois estavamos convencidos de que os homensinhos, revolvendo a sua consciencia, apresentassem ao fim de 24 horas, uma cabal e satisfatoria resolução do assumpto.

Mas, qual não é o nosso espanto quando vemos o sr. José Luiz (ferrador) assumir a presidencia da meza da assembléa geral, secretariado por mais dois dos directores?

Sentimo-nos transportados a um valle de indignação e essa guardá-mol-a dizendo apenas á quella entidade, presidente da direcção que na sua qualidade de director não podia presidir á assembléa.

Custou a demovê-lo do seu propósito, e com magua sua e protestos da assembléa lá se foi com... Deus.

Constituida a assembléa legalmente, usaram da palavra varios socios, sendo estes de opinião que a phylarmonica devia ir a Aldegallega, abrilhantar com o seu concurso, a tourada em beneficio do «Centro Escolar» visto que se tratava d'uma festa de beneficencia.

Entre os oradores destacaremos os srs Carlos Telles, Estevam Nunes, José Francisco Evangelista, Fortunato Freire Gameiro, etc., etc., e J. B. Nunes Junior.

Este chamou a attenção da assembléa geral para os actos que actualmente se estavam dando na direcção e chegou a pedir a demissão dos directores, em face da sua demonstrada incompetencia.

Propoz, além d'isso, que a phylarmonica fosse, ainda que representasse esforço, a Aldegallega pres-

tar o seu concurso em tão sympathica festa.

Propoz, ainda a elaboração d'um novo regulamento em vista do que existe apresentar deficiencias.

Pela direcção tinha, porém, sido «preparada» uma parte da assembléa e essa não usou da palavra, mas interrompia a todo o passo a palavra dos oradores.

E, triste é dizel-o, era sempre com gritos de:— Fóra!... fóra!... etc.

Espectáculo deprimente, prova evidente do retrocesso em que parte da camada social se acha envolvida, desgraçado symptoma de educação cívica!

E, afinal, nada ficou assente, embora nos conste que vae ser dada uma resposta pouco satisfatoria á digna commissão promotora da corrida em beneficio do «Centro Escolar».

Seja ella qual fôr, o que desde já podemos garantir é que no animo de todos os homens d'Alcochete que se presam de vêr o alevantamento do nosso paiz, por meio da instrucção, alavanca indubitavelmente principal, germina a sensata opinião de ter cumprido os seus deveres.

Escusado seria explicar, aqui, que os taes srs. que exclamavam:— fóra! fóra! Eram individuos taes como: João Lavrado, Manuel da Costa Alves, um pobre carregador e alguns alcoólicos.

O que desde já podemos garantir aos commissionados de Aldegallega é que a nossa opinião como a de toda a gente limpa que alli se reuniu, é favoravel como não podia deixar de ser aos seus intentos.

A culpa de tão grande desastre deve attribuir-se á sapientissima direcção que na assembléa se pronunciou arregaçando as mangas e distribuindo murros ás cegas, na meza da assembléa.

E, como se a instrucção

por estes sitios seja coisa superflua no entender d'estes senhores, contrastando com ella, inutilisa-se o arvoredor plantado de pouco tempo, esfaqueia-se um gato pertencente ao sr. Domingos Catum, corta-se e rouba-se o cabo d'uma embarcação deixando esta ao abandono, e praticam-se outras tantas selvagerias, porque tudo isto é... progresso... marroquino.

MANEL DA MOITA.

Pertence ao nosso illustrado collega lisbonense *A Via Ferrea*, a correspondencia que transcrevemos do senhor *Manel da Moita*.

CHRONICA DE LISBOA

Falleceu ha dias José Ignacio de Araujo, um dos poetas humoristicos de mais valor que teem apparecido nos ultimos tempos. Dotado de uma veia caustica superior e de uma espontaneidade assombrosa, deixou elle o seu nome vinculado a innumeradas publicações antigas e modernas, sempre com uma linguagem castica e com uma graça inexaurivel. A idade não lhe amorteceu o talento, pois que morreu com perto de oitenta annos e

ainda manejava a lyra com um enthusiasmo, póde dizer-se juvenil.

A imprensa limitou-se a dizer meia duzia de phrases banaes a respeito d'esse homem que era talvez, depois de Nicolau Tolentino, o primeiro poeta no seu genero. E' que elle era de um caracter modestissimo, concentrado, um tanto excentrico, e não dando valor senão a quem realmente o possuia, castigava sempre, com uma ironia finissima, os mediocres que se enfeitavam com pennas de pavão.

Restava-lhe, comtudo, a consolação de não ter um unico inimigo; todos que o conheciam o estimavam como amigo e o veneravam como mestre.

Eu, que tantos conselhos proveitosos d'elle recebi, presto aqui o meu humilissimo preito á memoria do grande poeta que a morte arrebatou.

Appareceu finalmente o famoso decreto a respeito da Casa Real. Uns jornaes deixaram-n'o passar sem commentarios, limitando-se apenas a reproduzil-o, outros censuraram-n'o acremente. De nada, porém, servirá isso, porque

ha de passar em dictadura.

O celebre decreto do descanço semanal continúa satisfazendo uns e desgostando outros.

Casas de pasto houve que, por saberem que os pequenos estabelecimentos de comida não podiam fazer-lhes concorrência, augmentaram escandalosamente os seus preços, obrigando os desgraçados que cahiam nas garras d'esses senhores a pagar por custo elevadissimo os generos que consumiam.

E' preciso que se ponha cobro a isso, para honra e dignidade do commercio e para que não se diga que elle é composto de espoliadores.

JOAQUIM DOS ANJOS.

CONVERSANDO

No reinado de D. João I, que foi eleito rei nas côrtes de 1385 em Coimbra, reuniram-se estas vinte e duas vezes e os procuradores dos concelhos sempre alli fizeram ouvir as suas inergicas reclamações

E' neste reinado que as côrtes attingem a sua maxima importancia; depois comecam a decahir, primeiro lentamente, mas em breve com enorme velocidade.

Durante os cinco annos do reinado de D. Duarte reuniram-se as côrtes quatro vezes e no governo de D. Affonso V reuniram-se vinte e tres vezes.

No decurso do governo de D. João II, o primeiro reiessencialmente absoluto, o monarcha depois de se ter servido das côrtes reunidas em Evora em 1481 para destruir o poder da nobreza, lançou-as á margem como objecto inutil e desprezivel. D. Manuel, em vinte e tres annos de reinado, convocou as côrtes quatro vezes; D. João III reuniu-as tres vezes em trinta e seis annos de governo; no reinado de D. Sebastião uma

COFRE DE PEROLAS

Ao DR. CELESTINO D'ALMEIDA

Um homem reculto, enérgico e andaz,
Dedicando a sua vida ao bem do semelhante;
Um bello e grandioso apóstolo da paz
Que semeia em redor a vida fecundante.

Mas vezes valente, um ferro luctador,
Sem medo a combater em prol da grande creença;
Outras nuncio fiel de sacrosante amor,
Com sorriso feliz d'uma fôrta de immensa.

Alma pura e kcal, uma alma de diamante,
Semem honeste e bem, de todos o primeiro,
O seu nome tem juo á criação illustre,
E ganhel-e bem alto! E' nesse padroaie!

Joaquim dos Anjos.

1—2—1907.

125 FOLHETIM

Tradução de J. DOS ANJOS

O CORCUNDINHA

SEGUNDA PARTE

As almas do outro mundo

CAPITULO VI

Um diplomata habilidoso

—Grande burro!... talvez sejas mais amado do que te parece. Então, é a tua ultima palavra, não queres fazer sobre ti mesmo o esforço que te peço... Teimas em suspirar «ad vitam aeternam?...» Pois faze o que quizeres... Morde os beiços, trince o coração, continua a lamentar te, a

lacrimar, entrega te aos teus desesperos estupidos, faze-te feio, triste e idiota... Se gostas d'isso, continua, meu rapaz! Eu, pela minha parte, não me dou por vencido, metteu-se-me na cabeça que te havia de casar, e hei de fazel-o contra a tua vontade e até, se fôr preciso, contra a vontade d'ella. Agora já sei o que tenho de fazer.

—Peço-te que não tentes nada. A menina Bertha não quer saber de mim, não vás aborrecel a mais.

—Não preciso dos teus conselhos, replicou o Lepic. Vou ter com a menina Simonnet e quero que me chamem prussiano se, antes d'esta noite te não trouxer as chaves do coração d'ella n'uma bandeja de prata. Até á vista meu carinha triste!

—Podes zombar á vontade... Eu

me desforrarei quando estiveres tambem namorido.

—Não me insultes!
E depois de proferir estas palavras alegremente, o endiabrado parisiense separou-se do amigo e foi, como tinha dito, a casa do fabricante.

A Bertha, a quem elle mandou pedir logo o favor de lhe dar uma palavra— para coisas graves— recebeu o no salão onde estava com a irmã. A' entrada do Lepic, a Joanna fechou o piano e dirigindo se para elle disse-lhe, sorrindo-se:

—Sou de maisa... quer que me retire?

—Não, minha senhora... o que eu tenho que dizer á menina Bertha póde ser ouvido por si, e direi mais até, estou satisfeittissimo com a sua presença, porque conto que me ha de auxiliar... Venho cumprir aqui uma mis-

são das mais delicadas... de que, verdade, me encarreguei sósinho, mas que, não obstante, devo levar a bom fim, porque depende d'isso a vida de um amigo a quem todos estimamos.

—Sendo assim, estamos promptas a ouvi-lo, senhor Lepic, disse a Bertha designando lhe uma cadeira.

—Não, obrigado, menina... se me dá licença, ficarei de pé... não sei falar sentido...

—Como quizer, meu caro senhor, respondeu a Joanna... Então, fale; e sobretudo seja eloquente.

—Vou pôr-me serio... Já devem ter adivinhado o que me traz aqui.

—Affirmo lhe, respondeu a Bertha, que não posso calcular o que seja

—Não? pois vou dizer lh'o já. Imagine que o nosso amigo Christi-

ano é o mais doido e o mais infeliz dos homens.

—Ah! é do Christiano que se trata? disse a donzella ficando pensativa.

—Sim, menina, o pobre rapaz apaixonou-se perdidamente pela melhor e mais encantadora pessoa que eu conheço. Essa pessoa, de quem não lhe direi o nome, seria certamente muito boa, senão se lhe tivesse mettido em cabeça desesperar todos os namorados a quem as suas graças endoidecem e que veem queimar as azar do coração á luz dos seus lindos olhos.

—Essas azas tornam a nascer, senhor Lepic, e os desesperados de quem falla desilludem-se depressa e encontram logo consolações.

(Continua).

só vez se reuniram as côrtes e o cardeal-infante D. Henrique reuniu-as duas vezes, unicamente para tratar da successão ao throno portuguez.

Durante os sessenta annos do governo dos Filipinos sómente tres vezes se reuniram côrtes: a primeira vez em Thomar em 1581 para celebrar a subida do rei estrangeiro ao throno portuguez (ao que ellas tinham descido!) e as outras vezes em 1583 e 1616 para sancionarem o augmento dos impostos.

Quando, depois, em 1640, o povo reconquistou a liberdade e offereceu a corôa ao timorato duque de Bragança, depois D. João IV, tronco da nefasta dynastia de Bragança, novamente as côrtes tomaram alento e declararam em 1641 pertencer a ellas o depósito da soberania nacional e o direito de instituir ou destituir reis. Actualmente vemos o contrario: é o rei que, segundo a sua vontade e os seus interesses, reúne ou dissolve as côrtes. É a monarchia de então chamava-se absoluta e á de agora dá-se o nome hypocrita de monarchia liberal!

KEAN.

A tourada. -- Grandiosas manifestações

Realisou-se no passado domingo n'esta villa a tourada em beneficio da Escola Republicana Dr. Celestino d'Almeida.

Era de esperar que, attendendo ao fim a que era destinado o producto d'essa corrida, ella encontrasse apoio em toda a gente de Aldegallega. Não succedeu porém assim; e ainda bem, por um lado, porque veio provar que muitos, que se dizem amigos da sua terra, nem sempre harmonisam os seus actos com as suas palavras.

Desde que a commissão iniciou os seus trabalhos, certos individuos, dos que julgavam tornar-se os mandões d'esta terra, secundados por uma *troupe de anacleos* de que ninguém faz caso, empregaram todos os esforços para impedir que tal festa se realisasse. É triste dizel-o, mas estes cavalheiros mais uma vez deram provas da falta de senso que sempre os tem acompanhado, e ainda mais se malquistaram com a opinião sensata e justa da quasi unanimidade dos seus conterraneos. Exercendo pressão sobre o novo administrador para mandar vir tropa, encarregaram-se ao mesmo tempo de propalar que haveria chacina na praça de

touros, procurando assim amedrontar o animo fraco das mulheres e affastar a concorrência. Serviu-lhes de grande auxiliar o administrador que se mostrou de uma parcialidade revoltante, pondo obices de toda a ordem á mais pequena pretensão da commissão. Não nos parece que seja esse o melhor meio de angariar sympathias, nem a maneira mais correcta de exercer o cargo de que está investido. Seja imparcial para todos, não prohiba a uns o que permite a outros e terá assim o respeito e a consideração de todos.

Se não fosse a intervenção pacificadora dos dirigentes do partido republicano, s. ex.^a teria soffrido na ponte um revez tanto mais grave que elle se estenderia á força armada que era visivelmente impotente para conter o povo.

Teve sorte, mas não abuse. É um conselho que lhe damos e se nos permite ainda acrescentaremos que tenha por guia unicamente a lei e o seu proprio criterio, não dando ouvidos a dois ou tres figurões que desesperados por vêrem a cevadeira prestes a terminar procuram compromettel-o. Se tem olhos de vêr, deve ter-se convencido com os factos de domingo que o povo é ordeiro, apesar da sua força, mas que não recua perante a força armada.

Effectuou-se como iamoz dizendo a corrida e o seu resultado foi o mais satisfatorio possivel e seria completo se não se dessem os factos a que acima nos referimos.

Vieram assistir á festa o grande tribuno do povo, Dr. Antonio José d'Almeida, a quem os espectadores fizeram uma estrondosa manifestação quando entrou no camarote, o Sr. Agostinho Fortes, o patrono da escola e dois correligionarios nossos residentes em S. Thomé, onde são considerados commerciantes.

Terminada a corrida, que esteve sempre muito animada, todo o povo que estava na praça esperou á porta os nossos hospedes, fazendo ao Dr. Antonio José d'Almeida a mais calorosa manifestação de sympathia á sua pessoa e de adhesão aos principios republicanos, a que temos assistido. Desde a praça até á ponte dos vapores os vivas e as palmas foram ininterruptos, sendo este nosso correligionario

erguido por diversas vezes nos braços do povo e aclamado com todo o delirio e phrenesi. Era bem a alma do povo que elle mais uma vez sentiu palpitar com todo o amor pela democracia de que o Dr. Antonio José d'Almeida é um dos mais esforçados propagandistas, e que no domingo se expandiu com mais ardor como protesto á presença da guarda municipal.

Foi uma apothese á Liberdade, que jámais se esquece; foi uma prova de coragem que deve ter convencido os nossos amigos que os republicanos de Aldegallega não se intimidam.

Calemos o espectáculo que se nos deparou na extremidade da ponte, porque isso é o pelourinho do sr. administrador do concelho. Dispensámos que s. ex.^a nos agradeça a attenção.

No domingo passado alguns dos «caciques» d'esta villa fugiram persuadidos que a guarda municipal vinha para ferir e matar o povo e que depois sujeitar-se-iam elles a soffrer as consequências!

Cobardes!...

Ainda não comprehendem que só nos merecem desprezo!!!

Dizem-nos que o sr. José Luiz Gouveia despediu da casa o sr. Ernesto Borges Sacôto e que deu motivo a isso este ter ido assistir á tourada em beneficio da Escola Dr. Celestino d'Almeida, prohibição que a tempo lhe havia sido feita pelo sr. Gouveia.

Conhecemos que é nosso dever esclarecer minuciosamente os leitores das occorrencias passadas, porém esta é uma d'aquellas em que menos nos occuparemos por sermos filhos de Aldegallega e termos vergonha de taes factos que só denotam falta de conhecimento da parte de quem os pratica.

O sr. Gouveia pôde ser franquista ou mesmo outra coisa. Com isso nada temos. O que não deve é usar tão abjectamente para com qualquer cidadão que habita uma sua propriedade e que para isso lhe paga a renda.

Parece que o sr. Gouveia já se não lembra do que nos disse por occasião da visita a esta villa do ex-ministro das obras públicas, sr. Conde de Paçõ Vieira, em honra do qual a camara offereceu um jantar a quem tivesse saca!

Desastre com arma de fogo

Pelas 8 horas da noite de 5.^a feira quando o sr. Francisco Gregorio regressava da caça, a arma disparou-se indo alojar-se toda a carga na axilla do lado esquerdo.

Regressaram a esta villa os nossos amigos, srs. Drs. Costa Moura, Raul Sampaio e o sr. Manuel F. Giraldes.

A proposito da noticia subordinada á epigraphé Outra quinta da Formiga», inserta no ultimo numero de «O Domingo», diz-nos o sr. Thomaz Joaquim da Costa, ex-feitor da quinta do Batedouro, ser falsa a informação, pois que apenas sua mulher altercou com as outras na estrada, á distancia de um kilometro da quinta e isto por uma visinha lhe dizer: «vae alli a amiga do seu marido». Como vinha para Aldegallega voltou atraz e foi dizer ao marido: «Tens alli a tua amiga, podes ir para ella». Nesta occasião estava elle na quinta tratando de negocio de fructa com um tal Libôca que vive em mancebia com uma das taes mulheres e que tambem dá pelo mesmo nome, quando lhe appareceu sua mulher disparatando, o que o levou a dar-lhe uma bofetada para que se retirasse, nada mais havendo.

Continuação da carta que começámos a publicar no ultimo numero e que por falta de espaço não pudemos concluir.

Sr. Redactor.

Vejamoz: — A maioria da classe dos taberneiros soffre tal prejuizo com esta lei que difficilmente se poderá manter. Está bem na mente de todos a lucta travada sobre a melhor solução da crise vinicola que vimos atravessando, crise proveniente da escassa exportação e excesso de producção, solução esta que não attingiu um «desideratum» satisfatorio pelas medidas até hoje postas em prática; assim, esta lei, é mais uma agravante digna de ser ponderada e immediatamente debelada, não só por esta classe como por todas immediatamente interessadas e em especial pelos vinicultores que vêem os seus interesses cerceados, pois é certo que tal lei a todos attinge directamente.

Poderão apologistas inconscientes objectar que por estarem fechadas as casas de vinho ao domingo, este não deixará de se consumir, não é bem assim, as classes operarias, trabalhadores e povos circumvisinhos que só ao domingo descançam, vêem a esta villa neste dia procurar nas praças e logares adequados os trabalhos em que se empregam de semana; pôde calcular-se em média sem sensivel erro que o vinho que deixa de consumir-se por esta gente nos 52 domingos do anno, attinge a cifra de 100 pipas ou sejam 46:800 litros (dentro da villa) ou seja só para a Camara e Fazenda Nacional um prejuizo de 655\$200. Por este grave prejuizo se poderá avaliar o das classes directamente interessadas.

Tendo a lei em vista harmonisar os interesses de todos bastaria o que fica dito

para sensivelmente a prejudicar. Ha no entanto mais: pois sendo certo que ha muitas casas de vinho, que com as vendas ao domingo se suppreem toda a semana em que pouco vendem, vão assim beneficiar (fechando as suas portas) directamente as casas de pasto, pois ninguém poderá logicamente convencer-se que na prática estas casas deixem de vender vinho a copo e mais bebidas no dia destinado ao descanso; isto observou-se no passado domingo, (primeiro do descanso) quando qualquer cidadão se sentava á meza, collocavam-lhe um prato na frente, sendo-lhe por fim sómente servida a *pinga* porque dizia: «o dinheiro não chega para mais e sobretudo para comidas caras»; estes factos se observam de manhã porque á tarde quando o sol declinava, baniram tal estratagemas por superfluo, vendendo bebidas á vontade em manifesto prejuizo dos taberneiros que cumpriram a lei.

Deixe observar lhe, meu amigo, que é impossivel na prática evitar taes infracções.

Mas se me não engano isto é prégar em dictadura! Se vos derdes ao incómodo de observar as discussões que vão por todos os nossos estabelecimentos verieis que é este o assumpto palpitante que todos discutem, que todos discordam e tudo disparata, mas de práctico nada com geito. Não se dá um só passo em garantia de legitimos interesses; todos esperam que uns façam com que outros obrem, de resto os taes outros somos nós todos que portudo estamos. Santapaz, errisoria ignorancia que tantos prejuizos acarreta. E' n'esta dictatorial paz que tudo caminha, se a Ex.^{ma} camara municipal deixar de cumprir com o indeclinavel dever de defender condignamente os interesses do seu municipio em tão importante assumpto.

Finalmente, amigo e sr. redactor, tal lei assim posta em prática vem levantar graves atrictos desencontrando interesses; assim, pois, muito justo é que todos os interessados cumpram os seus deveres zelando os seus mais lidimos interesses. — J. Leonardo da Silva.

ARRENDASE

Uma fazenda na Quinta Nova (Harse). Quem pretender dirija-se á referida quinta a Camilla Augusta de Carvalho e Cunha.

Póde ser a talhões.

Pequena bibliotheca democratica

Dirigida por Antonio Ferrão

Fundada por HELIODORO SALGADO

Pequenos tratados de educação cívica e moral. - Obras de propaganda democratica. - Estudos de vulgarisação scientifica. - Estudos historicos. - Vulgarisação da sciencia das religiões. - Questões de interesse proletario. - Etc.

Cada volume de 32 paginas, avulso, 50 réis
Por assignatura, 40 réis

PREÇOS DA ASSIGNATURA NA PROVINCIA

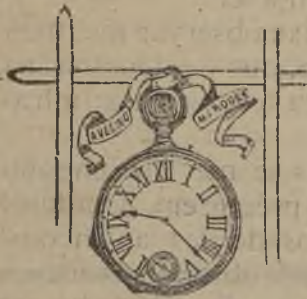
3 mezes, (6 numeros) 280 réis; 6 mezes,
(12 numeros) 560; 1 anno, (24 numeros) 1\$000 réis
A sahir quinzenalmente.

Esta bibliotheca inicia-se no intuito de aproveitar todo o saldo em beneficio da escola do Centro Rodrigues de Freitas.

Séde do Centro da «Pequena Bibliotheca Democratica»:—Largo de Santo André, 19-A, 1.º.

— LISBOA —

AVELINO M. CONTRAMESTRE



RELOJOEIRO DE TODA A CONFIANÇA

Vende e concerta toda a qualidade de relógios por preços módicos.

Responsabilisa-se pelos concertos quando o freguez fique mal servido, restituindo-lhe a importancia já paga.

RUA DIREITA, 7 — ALDEGALLEGA

BIBLIOTHECA DO DIARIO DE NOTICIAS A GUERRA ANGLO-BOER

Interessantissima narração das luctas entre inglezes e boers, «ilustrada» com numerosas zinc-gravuras de «homens celebres» do Transvaal e do Orange, incidentes notaveis, «cercos e batalhas mais cruentas e a

GUERRA ANGLO-BOER

Por um funcionario da Cruz Vermelha ao serviço do Transvaal.

Fasciculos semanaes de 16 paginas..... 30 réis
Tomo de 5 fasciculos..... 150 »

A GUERRA ANGLO-BOER é a obra de mais palpitante actualidade.

N'ella são descriptas, «por uma testemunha presencial», as diferentes phases e acontecimentos emocionantes da terrivel guerra que tem espantado o mundo inteiro.

A GUERRA ANGLO-BOER faz passar ante os olhos do leitor todas as «grandes batalhas, combates» e «escaramuças» d'esta prolongada e acerrima lucta entre inglezes, tra svaalios e oranginos, verdadeiros prodigios de heroismo e tenacidade, em que são igualmente admiraveis a coragem e dedicacão patriótica de vencidos e vencedores.

Os incidentes variadissimos d'esta contenda entre a poderosa flaglattera e as duas pequenas republicas sul-africanas, decorrem atravez de verda deiras peripecias, por tal maneira dramaticas e pittorescas, que dão á GUERRA ANGLO-BOER, conjuntamente com o irresistivel atractivo d'uma narração historica dos nossos dias, o encanto da leitura romançada.

A Bibliotheca do DIARIO DE NOTICIAS

apresentando ao publico esta obra em «esmerada edição», e por um preço diminuto, julga prestar um serviço aos numerosos leitores que ao mesmo tempo desejam deleitar-se e adquirir perfeito conhecimento dos successos que mais interessam o mundo cuido na actualidade.

Pedidos á Empresa do DIARIO DE NOTICIAS
Rua do Diario de Noticias, 110 — LISBOA



COMPANHIA FABRIL SINGER

Por 500 réis semanaes se adquirem as celebres machinas SINGER para coser.

Pedidos a AURELIO JOÃO DA CRUZ, cobrador da casa ADCOCK & C.º e concessionario em Portugal para a venda das ditas machinas.

Envia catalogos a quem os desejar.

— LISBOA —

O DOMINGO

MAXIMO CORKI

NA PRISÃO

Ultimo trabalho litterario do extraordinario escriptor russo. O mais envolvente que a sua penna tem produzido até hoje.

O romance dos presos politicos da Russia, analyse dos costumes barbaros da escravidão moderna.

Um volume de perto de 200 paginas, com uma capa a cores, illustrada com um dos melhores retratos do auctor.

Preço 200 réis

«A EDITORA»

Largo do Conde Barão, 50

LISBOA

OS DRAMAS DA CORTE

Chronica do reinado de Luiz XV)

Romance historico por E. LADoucETTE

Os amores tragicos de Manon Lescaut com o celebre cavalleiro de Grioux, formam o entrecho d'este romance, rigorosamente historico, a que Ladoucette imprimiu um cunho de originalidade devéras encantador.

A corte de Luiz XV, com todos os seus esplendores e miserias, é escripta magistralmente pelo auctor d'O Eastardo da Rainha nas paginas do seu novo livro, destinado sem duvida a alcançar entre nós exito equal aquelle com que foi recebido em Paris, onde se contaram por milhares os exemplares vendidos.

A edição portugueza do popular e commovente romance, será feita em fasciculos semanaes de 16 paginas, de grande formato, illustrados com soberbas gravuras de página, e constará apenas de 2 volumes.

24 réis o fasciculo

180 réis o tomo

2 valiosos brindes a todos os assignantes

Pedidos á Bibliotheca Popular, Empresa Editora, 162, Rua da Rosa, 162 Lisboa.

OS ULTIMOS ESCANDALOS DE PARIS

Romance de acontecimentos sensacionais e veridicos occorridos na actualidade e mais interessante que os Mystérios de Paris e Rocamble por Dubut de Laforest.

Pedidos á «Editora», largo do Conde Barão, 50 — Lisboa.

ENCYCLOPEDIA DAS FAMILIAS

Revista illustrada de instrucção e recreio
A Encyclopedica mais util e economica que se publica em Portugal.

Cada numero consta de 80 paginas, profusamente illustradas, compostas em typo muito legivel, impressas em magnifico papel e elegantemente brochado.

Preço da assignatura, anno, 800 réis.

Pedidos a Manuel Lucas Torres, rua do Diario de Noticias, 93 — Lisboa.

TYPOGRAPHIA MODERNA DE JOSÉ AUGUSTO SALOIO

N'esta typographia satisfazem-se de prompto todas as encomendas, garantindo-se a maxima perfeição e nitidez em todos os trabalhos, para o que está montada nas melhores condições

Tem grande diversidade de typos o que ha de mais bonito e moderno.

Executam-se impressos para todas as repartições publicas, timbram-se enveloppes, imprimem-se facturas, mappas, circulares, memoranduns, recibos, vales, convites, participações, cartas fúnebres, rótulos, grammas, etc., etc.

Imprimem-se jornaes de qualquer formato.

TRABALHOS A CORES, OURO, PRATA, ETC.

Especialidade em cartões de visita brancos, tarjados e pretos com filete dourado para agradecimento

DESDE 200 RÉIS O CENTO

(Cartão branco)

ALDEGALLEGA

PHOTOGRAPHIA

ALBERTO SANTOS

RUA DIREITA

(No predio defronte da rua do Póço)

Este atelier presta-se admiravelmente a todos os effeitos de luz, permittindo tirar bonitos e perfectos retratos de creança.

Tiram-se retratos desde 500 réis a meia duzia, e fazem-se ampliações e reproducções, bem como se tiram photographias em casa do freguez.

RETRATOS EM PLATINA

Fazem-se em tamanho natural, desde 4\$000 réis.

Convida todos os freguezes que queiram photographar-se, a visitarem o seu atelier durante o corrente mez, porque resolveu sahir em excursão.

TIRAM-SE RETRATOS TODOS OS DIAS

HISTORIA SAGRADA DO ANTIGO E NOVO TESTAMENTO

(Vida de Jesus Christo e dos primeiros apóstolos, acompanhada de 30 gravuras e de dois mappas e um plano de Jerusalem.

PELA

«Estrella do Norte»

Com approvação do sr. D. Antonio, Bispo do Porto.
Preço, brochada — 160 réis. Cartonada — 200 réis.

Livraria Editora de Figueirinhas Junior, rua das Oliveiras, 75 — PORTO.

GAZETA DAS ALDEIAS

Semanario illustrado de propaganda Agricola e vulgarisação de conhecimentos uteis, premiado com medallas de ouro, prata e bronze em diferentes exposições e grande diploma d'honra na Exposição da Imprensa de 1898.

Assigna-se na rua do Sá da Bandeira, 195, 1.º.

PORTO